

OSWALD DUCROT E A UNICAMP: UMA VISÃO PESSOAL

CARLOS VOGT
(UNICAMP)

“Marco entra numa cidade; vê alguém numa praça que vive uma vida ou um instante que poderiam ser seus; ele poderia estar no lugar daquele homem se tivesse parado no tempo tanto tempo atrás, ou então se tanto tempo atrás numa encruzilhada tivesse tomado uma estrada em vez de outra e depois de uma longa viagem se encontrasse no lugar daquele homem e naquela praça. Agora, desse passado real ou hipotético, ele está excluído; não pode parar; deve prosseguir até outra cidade em que outro passado aguarda por ele, ou algo que talvez fosse um possível futuro e que agora é o presente de outra pessoa. Os futuros não realizados são apenas ramos do passado: ramos secos.”

Italo Calvino, As Cidades Invisíveis.

Em 1968, no auge da voga do Estruturalismo, comprei na Livraria Francesa, em São Paulo, o livro *Qu'est-ce que le structuralisme?*, saído naquele mesmo ano pelas *Éditions du Seuil*, Paris.

Em 1968, eu cursava o primeiro ano de Pós-Graduação em Teoria Literária na USP-Maria Antonia, sob a batuta do mestre Antonio Candido. O programa era composto de uma série de atividades que incluíam, entre outras, um curso de sociologia da literatura e um curso de cinema, de modo que eu tive a felicidade de ser aluno do professor Ruy Coelho, no primeiro caso, e do professor Paulo Emilio Salles Gomes, no segundo.

Em 1968, o professor Antonio Candido, se bem me lembro, teve um convite para uma universidade nos Estados Unidos ou na Europa e, por sua vez, a seu convite, o professor Oswaldo Elias Xidieh, da Faculdade de Letras de Marília, ofereceu-nos um curso maravilhoso sobre as fontes populares da literatura erudita.

As aulas do curso de história do cinema e cinema brasileiro eram às segundas-feiras, às 10 horas da manhã, no Teatro Aliança Francesa, à rua General Jardim, na então chamada Boca do Luxo. Manhãs fantásticas de diversão, prazer, exercício crítico e humor inteligente e radiante do professor Paulo Emílio. O teatro lotado. A agitação intelectual acesa e a nossa juventude dependurada na graça e na magia daquelas manhãs de cinema, debates e inquietações.

Todos, no curso, sentíamos, é claro, a ausência do professor Antonio Candido, mas a sua capacidade de organização, o seu discernimento para compor o leque de atividades do curso com escolhas tão certas, instigantes e luminosas, dava-nos a sensação de que,

mesmo distante, ali estava ele no centro da paixão e da disciplina institucionais que são requisitos indispensáveis para o ensino, o aprendizado e a pesquisa.

Em 1968, em plena voga do estruturalismo, vieram à São Paulo, a convite da USP, o professor Roman Jakobson e, no ano seguinte, o jovem professor Tabetan Todorov. Jakobson fez uma conferência memorável no teatro Aliança Francesa, num fim de tarde que entupiu de gente a rua General Jardim, perto do Parreirinha. Apresentou a análise que fez, em colaboração com Luciana Stegagno Picchio, do poema “Ulysses” de *Mensagem*, de Fernando Pessoa, análise que, na ocasião, havia acabado de ser publicada na revista *Langages*, espécie de santuário do estruturalismo lingüístico francês.

Todorov tratou, em sua conferência, da gramática da narrativa, tema caro ao estruturalismo e que rendeu muitos e muitos trabalhos bons e ruins, como tudo o que se faz, independentemente dos *ismos* de plantão. A afluência de público foi também muito grande, embora, é claro, a estrela do conferencista fosse ascendente e a do grande formalista russo fosse senior de primeira grandeza.

Em 1968, o professor Albert Audubert, da antiga Cadeira de Francês da USP-Maria Antonia, que havia sido meu professor, insistia comigo para que fosse fazer pós-graduação na França, com bolsa do governo francês. Vontade não faltava, mas o valor da bolsa não conseguia suprir meus compromissos econômico-financeiros e para isso dava aulas no Curso Equipe, ex-Cursinho do Grêmio da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, em Higienópolis, no Colégio Brasil-Europa, no Itaim, e no Colégio Renascença, no Bom Retiro.

Em 1968, no quadro das grandes agitações estudantis de maio, na França, os estudantes da USP, em particular os da Maria Antonia, tomaram o prédio e juntamente com vários professores desencadearam o processo das Paritárias para a discussão e a reforma da estrutura e do sistema de ensino superior. De reuniões agitadas e concorridas, resultou, entre outras coisas, que o regime de cátedras foi abolido, criando-se, nas universidades a estrutura departamental que conhecemos até hoje.

Em 1968, o Ato Institucional número 5 submergiu efetivamente o país no longo período de arbítrio obscurantista das ditaduras militares inauguradas com o golpe de 1964.

Em 1968, a batalha campal entre o Mackensie e a Maria Antonia proporcionou à polícia do governo o pretexto para invadir, queimar e saquear a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de onde fomos expulsos, os cursos que ali funcionavam, para sermos em 1969 abrigados, precariamente, no prédio de Geografia e História da Cidade Universitária.

Em 1968, participando do Festival Universitário da antiga TV Tupi, organizado por Fernando Faro, fui premiado com o terceiro lugar para a música “Senhora de Luar”, de minha autoria, em parceria com Naire, com quem fiz muitas e muitas outras canções. A música foi defendida, como se dizia, por uma das musas da bossa-nova, Ana Lúcia e nessa ocasião fiquei conhecendo e me tornei amigo de Alayde Costa, outra diva, que interpretou um linda música de José Miguel Wisnick, que recebeu, no festival, o prêmio para o quarto lugar.

Em 1968, a Livraria Pioneira ainda existia na rua Maria Antonia, quase esquina com a rua Major Sertorio, rua esta em que estava a sede da União Estadual dos

Estudantes e na seqüência, de espaço e de tempo, boates e casas noturnas, pequenos templos da bossa-nova, entre elas o João Sebatião Bar.

Em 1968, conheci – leitor - o autor Oswald Ducrot pelo ensaio “Le Structuralisme en Linguistique”, publicado no livro *Qu’est-se que le structuralisme?*

Ouvi falar, pela primeira vez, da Universidade de Campinas, em 1968, dois anos depois de sua criação, quando ela não se chamava ainda Unicamp e quando não existia ainda o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Em 1969, numa conversa de intervalo de aulas, no prédio da Imaculada Conceição, onde estava funcionando o Curso Equipe Vestibulares, fiquei sabendo que um de nossos colegas havia sido contatado para saber de seu interesse em tornar-se professor de uma unidade de ensino e pesquisa que estava sendo implantada na nova universidade.

Já havíamos mudado as atividades do segundo ano do curso de pós-graduação em Teoria Literária para o prédio da Geografia e História. O professor Antonio Candido não havia ainda regressado e Dona Gilda de Mello e Souza era a encarregada e a coordenadora de nossos seminários. Na saída de um de seus cursos sobre estética e poesia, encontrei-me com o professor Audubert que entusiasmado e envolvente, como sempre foi de seu próprio, abraçou-me e me disse que tinha a solução para minha ida à França e ,ao mesmo tempo, a satisfação dos meus compromissos econômicos. Falou-me então, - e essa foi a segunda vez em que ouvi referência à Universidade de Campinas – que estava se formando um Departamento de Linguística, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, e que estavam selecionando pessoas para integrar esse Departamento e enviá-las à França para um mestrado. Disse-me que queria indicar meu nome ao professor Fausto Castilho, coordenador do projeto, e que tudo deveria ocorrer rapidamente, ainda naquele ano. O professor Fausto Castilho já havia enviado à França um grupo de professores e este seria o segundo grupo.

Semanas depois, num encontro com o professor Antonio Candido, que já havia retornado, falei-lhe de minha conversa com o professor Audubert e ele, então, me confirmou o projeto, estar a par dele e ter recebido do professor Fausto Castilho e do professor Zeferino Vaz o pedido para ajudá-los a constituir o segundo grupo de quatro professores para a Universidade de Campinas. Incentivou-me a aceitar a recomendação do professor Audubert, dispondo-se ele mesmo a recomendar-me para o projeto. Foi o que fez, inclusive numa carta que guardo comigo como uma dessas preciosidades que a vida, quando generosa, nos permite muito raramente.

Em outubro de 1969 fui contratado pela Unicamp e, logo em seguida, em janeiro do ano seguinte, com uma bolsa da Fapesp e o salário em tempo parcial de professor MS-1, fui para Besançon, na Franche-Comté, para uma *Licence ès lettres* e um mestrado em linguística, na voga estruturalista da ciência-piloto e dos modelos matemáticos para as Ciências Humanas.

Fiz cursos com o professor Yves Gentilhomme, com a professora Konopcensky e com o professor Jean Peytard, com quem, em 1971, defendi o meu mestrado sobre o tema da controvérsia semântica gerativa *versus* semântica interpretativa, então palpitante nas discussões dos meios linguísticos da época. Todos estiveram em Campinas, nos primórdios das atividades do Departamento de Linguística.

Em Besançon, ao mesmo tempo em que me dedicava aos estudos que a escolaridade dos cursos me obrigava, procurava também inteirar-me do que acontecia em outros centros, em particular Paris.

Foi assim que li em francês as traduções dos primeiros livros de Chomsky, fundadores da gramática gerativa, e o livro de Nicolas Ruwet – *Introduction à la grammaire générative*, que mais tarde eu traduziria e adaptaria para o português e que a editora Perspectiva publicaria em 1975. Assim também, em encontros de trabalho com o professor Peytard, ficou acertado que eu poderia ir para Paris, fazer cursos de minha escolha, escrever o meu mestrado, mantendo com ele contatos sistemáticos, e em junho de 1971 ir apresentá-lo em Besançon.

Mudei-me para Paris e logo fui procurar o professor Oswald Ducrot, então diretor de estudos associado da famosa *VI ème section* da *École Pratique des Hautes Études* na rue de Varenne. Marquei uma entrevista e lá fui eu preparado com a leitura do texto do *Quést-ce que le structuralisme?* discutir a possibilidade de ser aceito em seu curso e, eventualmente se aceito e bem sucedido, transformar em créditos de doutoramento as atividades sob sua orientação.

Encontrei um professor moço, tímido e formal no trato e nos trajés: um terno de jaquetão cinza e uma gravata comportada dava o alinhio da figura, cujo único desalinhio era o constante cigarro acesso no canto da boca que praticamente queimava sozinho e que parecia renovar-se por si só no único gesto de interferência que, por repetir-se, era automático, o de acender um cigarro novo na bituca do queimado. Esse gesto e esse hábito ficaram, ao longo dos anos, como uma espécie de marca registrada da personagem-professor que aprendi, juntamente com colegas de várias e diferentes gerações, a admirar nas confusões de giz e cigarro que na frente do quadro negro Ducrot sempre representou com brilho e clareza no teatro acadêmico de suas apresentações. O jaquetão se foi, a formalidade excessiva também. Mas não a timidez e tampouco o cigarro-giz de seus brilhantes desempenhos didáticos e intelectuais.

Desde a leitura de seu texto sobre o estruturalismo em lingüística ficara-me a impressão de que ali estava alguém com quem eu poderia tentar acomodar minhas inquietações literárias, próprias e de minha formação, com o desafio de estudar e pesquisar a linguagem com ferramentas mais formais, tanto a favor como contra elas.

Na primeira entrevista que tivemos, ele deu-me quatro separatas de quatro artigos seus que, é claro, conservo comigo como ícones desses tateios em que a inteligência e a vida intelectual vão traçando alternativas de rotas em busca do apoio e da afeição de outras inteligências e de outras vidas intelectuais mais maduras. Um artigo era “La description sémantique des énoncés français et la notion de présupposition”, publicado em *L’Homme*, em 1968, o segundo era “Presupposés et sons-entendus ‘, publicado na revista *Langue Française*, em 1969, o outro, “Les indéfinis et l’énonciation ‘, publicado em *Langages*, em 1970 e o quarto “Peu et un peu “, publicado também em 1970 em *Cahiers de lexicologie*.

Voltei para rue de *Descartes*, onde morava num *studio*, no número 10, perto da Praça Maubert Mutualité. No mesmo dia da entrevista e no dia seguinte, li os quatro artigos, grifando-os, fazendo anotações nas margens, crescendo a convicção em mim de que eu deveria dedicar-me à semântica lingüística e de que por esse caminho manteria a proximidade intelectual e afetiva que desejava manter com os estudos literários. Foi, por

exemplo, da leitura de “Pré-supposés et sons-entendus” que me surgiu a idéia de escrever um artigo ou até mesmo meu trabalho de mestrado sobre o teatro de Ionesco, cheio de “absurdos” montados sobre os mecanismos do implícito e sobre os equívocos do explícito. Não cheguei a levar adiante o projeto, mas só em formulá-lo pude sentir o potencial teórico e analítico dos conceitos que tinha em mãos, na forma que o tratamento de Ducrot lhes dispensava.

Comecei a freqüentar, às sextas-feiras (dia da semana que Ducrot mantém até hoje para os seus seminários) o Collège de France, na rue des Écoles. Das 7 às 9 horas da noite, numa sala grande, sentávamos em torno de uma mesa enorme para assistir ao seu curso, cujo tema era, além da pressuposição, a questão dos métodos formais em semântica e a semântica das línguas naturais, que Ducrot sempre chamou de semântica lingüística. Dessas aulas tirei as motivações para a escolha do tema de minha dissertação de mestrado que tratou, como já disse, do papel da semântica na teoria lingüística, em particular a oposição entre semântica gerativa *versus* semântica interpretativa.

Ao mesmo tempo em que freqüentava os seminários de Ducrot, percorria outros seminários distribuídos pelas diversas escolas superiores de Paris. Foi assim que assisti os cursos de Roland Barthes, de Greimas, de Culioli, de Martinet, de Genette, de Foucault e, em Vincennes, os cursos de Jean-Claude Milner e Nicolas Ruwet.

A efervescência estruturalista e o rescaldo de maio de 68 ajudavam a desenhar os cenários de grande agitação intelectual que marcaram o início dos anos 70.

O Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Unicamp, recém implantado, abrigava nomes importantes na economia, nas ciências sociais, na filosofia e um grupo de jovens professores, entre eles os de lingüística, que se preparavam no exterior para virem assumir as suas responsabilidades de ensino e pesquisa. Havia também um programa permanente de professores estrangeiros convidados que muito contribuiu nesses anos pioneiros de novas atividades.

Entusiasmado com os cursos de Ducrot e já com a idéia formada quanto à importância de seus trabalhos, escrevi ao professor Fausto Castilho, sugerindo-lhe que convidássemos Ducrot e dando-lhe as razões de minha sugestão. A receptividade foi total. Recebi um telefonema e um telegrama de Fausto, tudo num domingo. Dizia-me que entrasse urgentemente em contato com Ducrot para acertar sua ida à Campinas em setembro daquele ano mesmo, 1971. Estávamos em maio. Não resisti e, num impulso de satisfação, fui ao apartamento onde ele vivia, à rue Cambronne, e lá pelas 7 horas da noite toquei a campainha com seu nome ao lado. Falei com ele pelo interfone. Acho que se assustou ou no mínimo achou a situação tão inusitada que resolveu descer para falar comigo. Disse-me que estava chegando da floresta de Fontainebleau, dos exercícios de alpinismo – a que sempre se dedicou como lazer – e ao me encontrar, ali na porta de seu prédio, dava a impressão de não acreditar no que acontecia, mas como acontecia, tinha um ar de jocosa desconfiança relativamente às minhas intenções.

Fiz-lhe o convite, disse-lhe que seria para aquele ano, em setembro, falei-lhe das condições financeiras que eram oferecidas e tive, por fim, um assentimento de princípio em relação à oferta que eu lhe fazia, em nome do professor Fausto Castilho. Ficamos de nos falar durante a semana, na sexta-feira seguinte, por ocasião de nosso encontro no seminário. Na sexta, enfim, tive a confirmação de seu aceite.

Voltei para o Brasil em julho. Em setembro Ducrot chegava, pela primeira vez, à Unicamp.

Seguiram-se outras vindas suas à universidade que pode, assim, acompanhar o trajeto e a evolução de seus estudos semânticos. Em 1972, ano da publicação na França de *Dire et ne pas dire*, que retomava e aprofundava, teórica e analiticamente, o seu enfoque da pressuposição, Ducrot esteve pela segunda vez no Brasil, seguindo-se a esta várias outras visitas acadêmicas que permitiram também que ele viajasse pelo país e fizesse palestras em várias universidades e centros de estudos lingüísticos, estreitando as suas relações pessoais e institucionais no Brasil e ganhando o merecido respeito existencial e intelectual que todos lhe devemos.

Na sua segunda visita ao Departamento de Lingüística, ainda no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (O Instituto de Estudos da Linguagem só seria criado em 1975), ao fazer a apresentação, num curso, da evolução de seu modelo de análise semântica com o componente lingüístico, o componente retórico, as leis discursivas de lítotes e de exaustividade, entre outras, e o papel dos conceitos de sentido, significação, pressuposto, posto e subentendido no processo de descrição semântica, observei-lhe que, aceitando-se a sua proposta poder-se-ia dizer que o valor semântico de um enunciado não estava em si mesmo, mas nas relações para mais (exaustividade) ou para menos (eufemismo) que mantinha com outros enunciados possíveis de língua que entrariam no mesmo paradigma. Isto é, o seu valor semântico seria a indicação de rota discursiva a ser seguida ou não pelos interlocutores, sem contudo poder deixar de ser necessariamente reconhecida.

Dei-me conta no ato de minha observação que ele, inclinando a cabeça levemente para o lado, num gesto muito característico seu, dava ao que eu dizia uma atenção que me chamava a atenção.

No ano seguinte, em 1973, foi publicado na França o livro *la Preuve et le dire*, trazendo no capítulo XIII “Les échelles argumentatives”, misto de artigo e ensaio que, como Ducrot me diria, tinha sido inspirado naquela observação que no ano anterior eu lhe fizera. É claro que experimentei uma grande satisfação nesse jogo de mestre e aluno e de esconde-mostra da inteligência.

As escalas argumentativas marcaram o sobe-desce de minha vida intelectual de tal modo que, em 1974, fui para Paris, com o projeto de redigir minha tese de doutoramento para a qual escolhi, como objeto de análise, os enunciados comparativos e com essa análise ousei formular princípios teóricos como contribuição para uma teoria semântica argumentativa. Defendi a tese no segundo semestre daquele ano, em Campinas, com a presença de Ducrot, como orientador e presidente do júri e com a felicidade de poder reunir a ele o professor Antonio Candido e o saudoso professor Nicolau Salum.

Mas antes, em Paris, enquanto freqüentava os seus seminários, sempre às sextas-feiras, e morava num *studio* na *rue Hautefeuille*, perto da praça *Saint André-des-Arts*, víamo-nos com muita freqüência para a discussão do andamento de meu trabalho. Passava a semana lendo, pesquisando, buscando apoio teórico e metodológico para minhas intuições, em casa, na Biblioteca Nacional; lia, escrevia, rasgava, escrevia, e aos sábados, depois do almoço, lá ia eu para *rue Cambronne* apresentar-lhe o resultado dos meus avanços e recuos da semana. Passávamos a tarde dos sábados trabalhando e, graças a isso, à sua atenção e gentil disciplina de educador, à sua curiosidade intelectual

pela língua “dos outros” e a um entendimento rápido na formulação de problemas e de suas possíveis soluções, pude concluir a minha dissertação que, em 1977, foi publicada pela editora Ática, na coleção Ensaaios, com o mesmo nome da tese: *O Intervalo Semântico – Contribuição para uma Semântica Argumentativa*. Também nesse mesmo ano saiu pela editora Cultrix a tradução que juntos fizemos Rosa Attié Figueira, Rodolfo Ilari e eu, para o livro de 1972, *Dire et ne pas dire*.

Com Ducrot, aprendi a ler um Saussure revolucionário, um Benveniste inventivo e transformador, uma filosofia analítica mais literária e criativa, Austin em particular, e até mesmo um Searle mais ousado do que o seu importante e comportado *Speech Acts* deixava entrever. Em busca de trabalhos de referência sobre a comparação, fora dos padrões da moda então vigente, encontrei forte sustentação para minhas acrobacias teóricas em Sapir, no artigo “O grau: Estudo de Semântica”, em tradução de Mattoso Câmara Jr., em Small, na sua tese de Ph.D, pela Johns Hopkins University, em 1.924 – *The Comparison If Inequality – The Semantics and Syntax of the Comparative Particle in English*, e, em especial um livro de Benveniste, de 1948 – *Noms d’agent et noms d’action en indo-européen*, encontrado, juntamente com o anterior, na Biblioteca Nacional.

Em 1.978, estando Ducrot em Campinas para mais uma temporada acadêmica, inspirados pelo meu livro sobre a comparação e por trabalhos que ele vinha escrevendo com Anscombe, escrevemos juntos o artigo “De magis à mais: une hypothèse sémantique”, publicado na *Revue de linguistique romane*, no ano seguinte e, depois, em 1980, traduzido, no meu livro *Linguagem, Pragmática e Ideologia*.

Em 1981, a seu convite fui para a *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, no Boulevard Raspail, mesmo prédio do *Musée de l’Homme*, por quatro meses, como diretor de estudos associado. Tinha deixado para trás a publicação de meu primeiro livro de poemas – *Cantografia* -, que seria publicado no ano seguinte, e a pesquisa do Cafundó e de outras comunidades negras que mantiveram ativo o uso de vocabulários africanos no Brasil, mas que eu retomaria em minha volta, para, anos depois, em 1996, publicar, em parceria com Peter Fry, o livro *Cafundó – A África no Brasil*, trabalho de pesquisa e de aprendizado humano e social para o qual muito me valeram a convivência e os exercícios analíticos de descrição semântica que fiz com Ducrot.

Morei num *studio no impasse Gomboust*, perto do teatro de *l’Opera*, e traduzi para o francês, incentivado por Ducrot, meu artigo “*Por uma Pragmática das Representações*” que havia sido publicado na revista *Discurso*, no ano anterior e retomado no livro *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. O artigo, ainda com seu apoio, foi publicado na revista *Semantikos*, de 1981, dirigida por R. Zuber.

Acompanhei, nesse momento, as mudanças por que passavam as preocupações teóricas e descritivas da semântica de Ducrot, vendo e sentindo que estávamos numa encruzilhada de sentidos – na acepção em que este conceito aparece em sua obra – e que a minha pragmática das representações conversava com os seus estudos sobre a polifonia e que nossos interesses comuns por Bakhtin (*Marxismo e Filosofia da Linguagem*, que eu fiz publicar em português na coleção “Linguagem e Cultura”, da editora Hucitec, *Problemas de Poética de Dostoiewski, François Rabelais e a Cultura Popular sob a Renascença*) abria perspectivas novas para a concepção da linguagem como atividade e como representação, no sentido teatral do termo.

Continuamos a nos ver nos anos seguintes. Acabei afastando-me da pesquisa semântica por assumir atividades administrativas na direção da universidade, primeiro como vice-reitor e coordenador geral, depois como reitor.

Assisti ainda a algumas de suas aulas sobre a teoria dos *topoi* aqui na Unicamp, aulas dadas em bom e fluente português que ele aprendera ao longo de persistente esforço e disciplina e pela convivência constante com os brasileiros que aqui e lá na França sempre freqüentavam seus seminários.

Em 1996, Oswald Ducrot foi convidado pelo Instituto de Estudos da Linguagem, para um Colóquio em sua homenagem, colóquio cujos trabalhos agora se publicam.

Fui convidado pelo professor Eduardo Guimarães a abrir o Colóquio e a fazer uma apresentação do homenageado. Disse, na ocasião, mais ou menos o que vai agora escrito, com algumas ênfases e subtrações que a oralidade não engana.

O certo é que, por escrito, experimento a mesma emoção que experimentei ao contar para uma grande platéia de jovens essas histórias de afetividade intelectual e existencial. Emoção semelhante, ainda, àquela que sempre revivo ao ler o prefácio que ele escreveu para o livro *O Intervalo Semântico*, cujo trecho, que marcou muito minhas escolhas e abandonos – como a epígrafe tirada de *As Cidades Invisíveis* – reproduzo, para finalizar:

“Vê-se, então, o problema que levanta o trabalho de Vogt, problema que Vogt apresenta como uma preparação, e que eu antes consideraria, de minha parte, como um prolongamento. Onde situar, com relação ao intervalo metodológico, o que chamamos o intervalo semântico, isto é, estas relações do locutor ao destinatário que constituem o próprio sentido de nossos enunciados, e que lhes dão uma organização fundamentalmente comparativa? A resposta de Vogt é que estes dois intervalos, na realidade, não constituem senão um só. Para fazer justiça ao papel constitutivo do Outro na língua, seria necessário sempre, num momento qualquer, deixar o domínio da estrutura, e colocar-se entre a estrutura e o dado. Não apenas a língua, mas também a lingüística, teriam assim o intervalo por lugar privilegiado. Não apenas o locutor, que fala na língua, mas também o lingüista, que fala sobre a língua, não poderiam formular uma fala que não fosse arremesso, apelo, alusão. Talvez Vogt tenha razão. Mas talvez seja preciso, incansavelmente, tentar não concordar com ele. Talvez a tarefa do lingüista seja justamente a de integrar nas estruturas que ele constrói, uma parte cada vez maior desse intervalo semântico, talvez sua vocação seja a de teorizar continuamente as relações do eu e do outro, do locutor e do destinatário. E, supondo que o fracasso seja necessário, talvez consista, como a morte, num fracasso que nada “significa”, e a quem se deve até, obstinadamente, recusar toda significação.

Que o projeto de uma semântica científica seja sem esperança, uma confiança – disto estou intimamente convencido. Mas toda coisa sensata que se pode dizer sobre a significação lingüística, é dita, sem dúvida, somente dentro e pela constituição desta inverossímil semântica científica. Justo retorno das coisas, eis o lingüista que constrói, ele também, uma impossível torre de Babel. Aliás o trabalho de Vogt não faz também parte desta construção? De tal forma que há um intervalo imenso entre o lingüista Vogt e o teórico Vogt. Responderá ele que os fatos descobertos em lingüística fundamentam sua teoria, que o intervalo lingüístico constitui o intervalo epistemológico? Sorriso do “Estrangeiro”.”